

## ESPELHAMENTO E DIÁLOGO: O LUGAR OCUPADO PELA NOÇÃO DE *ECO* EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM<sup>1</sup>

Glória Maria Monteiro de Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Pretendemos abordar o diálogo, em aquisição de linguagem, do ponto de vista do *espelhamento* concebido por Cláudia Lemos como o movimento pelo qual fragmentos da fala da mãe retornam na fala da criança, reaparecendo na fala da mãe ao interpretar os enunciados infantis. Assim, a língua se faria, inicialmente, presente nas verbalizações infantis, por meio do *eco* – conforme concebido por Erik Porge – da sonoridade da voz materna, na escuta da criança, tanto constituindo fragmentos sonoros, como aproximando ou associando, entre si, esses fragmentos. Interessa-nos investigar a associação, na escuta da criança, entre fragmentos sonoros advindos da fala da mãe, como efeito do funcionamento linguístico nessa escuta, assumindo a proposta de que a aproximação de sons semelhantes ocuparia um lugar privilegiado no início da aquisição de linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espelhamento; Diálogo; Eco; Aquisição de Linguagem.

**ABSTRACT:** This paper aims at approaching the dialogue, in language acquisition, as for the conception of mirroring by Claudia Lemos, i.e. the movement by which fragments of the mother's speech return to the child's speech, reappearing in the mother's speech to interpret children's utterances. Thus, language would initially be present in children's utterances through the *echo* – as conceived by Erik Porge – of the mother's voice resonance in her listening to the child, constituting sound fragments, as well as approaching or associating these fragments with each other. It is a matter of interest to investigate the association, in the child's listening, between sound fragments coming from the mother's speech, as an effect of linguistic functioning in that listening, assuming the proposal that the approximation of similar sounds would play a privileged role in an early stage of language acquisition.

**KEYWORDS:** Mirroring; Dialogue; *Echo*; Language Acquisition.

### 1. Introdução

Início este artigo citando Cláudia Lemos que indica duas tendências dominantes na investigação da aquisição de linguagem, afirmando que: “a negação da teoria linguística coexiste na área da aquisição de linguagem com o recurso a essa teoria como referência para a ‘análise’ da fala da criança.” (LEMOS, 1999, p.14). Em relação à segunda tendência, isto é, ao uso da teoria linguística para analisar/descrever a fala da criança, essa autora considera que “Nos moldes da tradição de descrever a estruturação sentencial na fala de crianças, erros e imitações são descartados porque não representariam um conhecimento categorial, gramatical”. (LEMOS, 1982, apud LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p.122). Haveria, portanto, um movimento de descrever as produções infantis, impingindo-lhes categorias, regras/princípios, resultando, como perda, a não consideração ou o apagamento do caráter

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado no IX ENAL/III EIAL – realizado em outubro de 2013 na UFPB, João Pessoa-PB –, em Mesa Redonda intitulada: *Sobre a presença da teoria linguística no interacionismo e a singularidade da fala de crianças* e faz parte de Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq. Aproveito a oportunidade para dirigir meus agradecimentos a Marianne Cavalcante e a Ester Scarpa pelo convite que me fizeram para participar desse Evento.

<sup>2</sup> Doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, professora e pesquisadora no Laboratório de Estudos da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, na área de Aquisição de Linguagem. gmmcarvalho@uol.com.br

errático, singular da fala de crianças em seu momento de mudança, ao mesmo tempo em que seria tratado como secundário o lugar ocupado pelo outro em tal mudança.

De outro lado, situam-se as propostas que realçam o papel do outro, isto é a interação, na trajetória linguística, tentando identificar, na fala da criança, usos e funções da língua, como é o caso de identificar seus usos sociais nas produções verbais infantis. Nessas propostas, contudo, estaria faltando uma teoria que atribuisse estatuto teórico-conceitual às estruturas linguísticas usadas pela criança e a explicação para a aquisição dessas estruturas seria, em última análise, localizada em atividades perceptuais/cognitivas ou intencionais da criança. Por sua vez, em nome de objetivos socialmente estabelecidos, de valores ou padrões culturais de uma determinada comunidade, por exemplo, estaria também comprometida a escuta da singularidade da fala da criança, na investigação da aquisição de linguagem. Em outras palavras, teriam também que ser excluídas/apagadas aquelas manifestações verbais que não tivessem algum tipo de relação com esses objetivos, valores e padrões dominantes numa comunidade de falantes.

Nesse sentido, Lemos (2002), ao propor a noção de espelhamento – entre mãe e criança –, que se torna mais visível num momento inicial de seu percurso linguístico, deixa claro o lugar fundamental ocupado tanto pelo outro, quanto pela teoria linguística, na explicação das mudanças que ocorrem, na fala da criança, durante esse percurso. O *espelhamento* é concebido por essa autora (a partir da leitura de Saussure, Jakobson e Lacan) como o movimento pelo qual fragmentos da fala da mãe retornam na fala da criança, reaparecendo na fala da mãe ao interpretar os enunciados infantis. Seriam, portanto, deslocamentos metonímicos que são dominantes, nas produções infantis, num momento inicial da aquisição de linguagem, implicando, já nesse momento, o funcionamento linguístico-estrutural.

Desse modo, as leis de funcionamento estrutural (sintagmáticas e associativas/paradigmáticas, segundo Saussure, 1989 e metonímicas e metafóricas, para Jakobson, 1963/2008) possuem o mérito de explicar, de forma genérica, tanto as produções verbais do falante, como as produções erráticas da criança em seu momento de mudança. Pretendemos, então, colocar em discussão a *diferença específica* que essas leis genéricas de funcionamento da língua estariam assumindo, no espelhamento, considerando o caráter singular das produções verbais da criança, num momento muito inicial de sua trajetória linguística. A expressão “*differentia specifica*” é usada por Jakobson (1963/2008, p. 119), provavelmente, a partir de Aristóteles (384-322 A.C./1987). Ao examinar, minuciosamente, o problema da definição, particularmente, da definição científica, esse filósofo coloca a necessidade de relacionar o *gênero próximo* à *diferença específica*. Assim, ao se definir a espécie (*homem*), deve-se incluí-la na classe geral, mais próxima, que a engloba, isto é, o gênero (*animal*), ligando-o ao predicado essencial (*racional*) que diferencia essa espécie, o que constitui sua diferença específica, na medida em que a situa em relação às outras subclasses do gênero.

## 2. Jakobson e a função poética

Para uma abordagem da *diferença específica* que o funcionamento da língua assume quando se trata do espelhamento, na fala da criança, recorreremos a Jakobson (1963/2008); em seu texto: *Linguística e poética*, o autor afirma que todas as manifestações da língua estão submetidas às mesmas leis linguístico-estruturais, propondo, no entanto, que, em cada subcódigo ou em cada subestrutura, essas leis trazem a marca de uma diferença específica. Nesse sentido, afirma que: “Existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos relacionados entre si; toda língua encerra diversos tipos simultâneos, cada um dos quais é caracterizado por uma função diferente.” (p. 122)

Assim, esse autor destaca a denominada *função poética*, procurando caracterizá-la a partir da posição que ela ocupa no esquema clássico de comunicação que se constitui, basicamente, de *remetente*, *destinatário* e *mensagem*. Destacando que, em cada um desses lugares, a língua assume uma função diferente, adverte, contudo, que não se trata de uma função exclusiva e sim, de uma função dominante, em relação às outras que, embora se coloquem em posições secundárias, não devem ser negligenciadas pelo linguista. A esse respeito, afirma: “A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais, ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário” (p. 128). Mais adiante, coloca o linguista: “Conforme dissemos, o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia, e, por outro lado, o escrutínio linguístico da poesia não se pode limitar à função poética.” (p. 129).

Nessa perspectiva, a função poética enfoca a própria mensagem, a mensagem como tal, ou melhor, trata-se do “enfoque da mensagem por ela própria” (JAKOBSON, 1963/2008, p. 127-128).

Desse modo, já que se trata de uma volta/um retorno da mensagem sobre ela mesma, o autor dá destaque ao eixo da semelhança, propondo, como diferença específica, que: “A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. A equivalência é promovida à condição de recurso constitutivo da sequência.” (p. 130). O linguista assinala que as sílabas se convertem em unidade de medida, o mesmo acontecendo com as moras e acentos. Por exemplo, em poesia, uma sílaba é igualada a todas as outras sílabas da mesma palavra, cada acento de palavra é igualado a qualquer outro acento de palavra e fronteira de palavra iguala fronteira de palavra. Propõe, partindo de Hopkins, que o verso é fundamentalmente, mas não unicamente, uma *figura de som recorrente*, assumindo, em seguida, a concepção de Valéry, segundo a qual a poesia consiste na *hesitação entre som e sentido*. Afirma, então:

Sem dúvida alguma, o verso é uma ‘figura de som’ recorrente. Fundamentalmente, sempre, mas nunca unicamente. Todas as tentativas de confinar convenções poéticas como metro, aliteração ou rima, ao plano sonoro são meros raciocínios especulativos. Sem nenhuma comprovação empírica. A projeção do princípio de equivalência na sequência tem significação muito mais vasta e profunda. [...] Conquanto a rima, por definição, se baseie na recorrência regular de fonemas ou grupos de fonemas equivalentes, seria uma simplificação abusiva tratar a rima meramente do ponto de vista do som. A rima implica necessariamente uma relação semântica entre unidades rítmicas [...] (JAKOBSON, 1963/2008, p. 144)

Nessa perspectiva, em qualquer que seja o tipo de rima, *a relação entre som e sentido* está sempre presente. Enfim, Jakobson (1963/2008) formula a seguinte definição de Poética:

Em resumo, a análise do verso é inteiramente da competência da Poética e esta pode ser definida como aquela parte da Linguística que trata a função poética em sua relação com as demais partes da linguagem. A Poética, no sentido mais lato da palavra, se ocupa da função poética, não apenas na poesia, onde tal função se sobrepõe às outras funções da linguagem, mas também, fora da poesia quando alguma outra função se sobreponha à função poética. (p.132)

Nesse aspecto, não parece demais repetir, levando em conta nosso objetivo, que, na proposta jakobsoniana, essa diferença específica da poesia (a projeção do eixo da semelhança sobre o eixo da contiguidade) se submete às leis estruturais gerais da língua, na medida em que qualquer que seja a natureza específica de uma atividade linguística, por se tratar de uma manifestação da língua, deve ser analisada de acordo com suas leis.

Convocamos, então, Jacques Lacan que, no seu retorno a Freud, retoma alguns linguistas, como Saussure, Jakobson, Benveniste. Especificamente em relação a Jakobson, Lacan lembra o que ouvira, juntamente com sua plateia, da boca desse autor: “[...] tudo que é da linguagem dependeria da linguística, quer dizer, em último termo, do linguista” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 25). Ao se contrapor a Jakobson, Lacan assinala a relação da linguagem com o sujeito do inconsciente e, para assegurar o que Freud disse sobre o inconsciente, afirma: “[...] então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de Linguisteria.” (p. 54)

A linguisteria diz respeito, então, ao estudo, não da língua, mas da *lalangue* que estrutura o inconsciente, ou melhor, a relação da linguagem com o sujeito do inconsciente, pondo em destaque a noção de *equivoco*.

Segundo Milner (2012), esse termo (*lalíngua*) denomina o lugar dos equívocos, isto é, a existência, em toda língua, de um registro que a condena ao equívoco. Nessa perspectiva, o equívoco seria condição de qualquer língua, podendo ser apreendido no momento em que *a palavra é arrancada do círculo de referência ordinária*; essa palavra adquire, simultaneamente, vários sentidos, sendo impossível atribuir-lhe, com segurança, um ou mais sentidos predeterminados.

Assim, se pudermos falar numa *função inconsciente da língua*, diríamos que se trata de *lalangue*, cujas leis regem o aparecimento do equívoco por meio das formações do inconsciente (lapso, ato falho, sintoma, chiste, sonho...), ultrapassando os limites da linguística, ou mesmo transgredindo esses limites.

Conforme destaca Milner (2012), o equívoco, ao aparecer através dos estratos que formam a totalidade imaginária da gramática, desfaz esses estratos, dando visibilidade à língua em sua condição inarredável de equívoco, de incompletude. O autor denomina esse ponto de equívoco que desestrutura a língua, como *ponto de poesia*, na medida em que o equívoco se faz presente, de forma magistral, nessa manifestação artística que é, por ele, destacada como um incessante retorno do equívoco.

Pêcheux (1998), no âmbito da análise do discurso, destaca o equívoco como fato estrutural que desestabiliza os discursos constituídos. Nessa direção, diz esse autor:

É necessário reconhecer que qualquer língua natural é também, e antes de mais nada, a condição de existência de universos discursivos não estabilizados logicamente, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Nesta segunda categoria de universos discursivos, a ambiguidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável. (PÊCHEUX, 1998, p. 24)

Convém realçar que, ao analisar as técnicas de elaboração poética, Jakobson (1963/2008) se refere à ambiguidade. Em outras palavras, ele se refere, ao duplo sentido que é abarcado pela linguística, não possuindo, portanto, a condição do equívoco de transgredir os limites da linguística. Dentre as técnicas de elaboração poética analisadas pelo autor, citamos os paralelismos e as paranomásias. No primeiro caso, temos uma reiteração de versos (ou de estrofes), com substituições em alguns lugares desses versos. (Sobre a questão do paralelismo,

ver LIER-DE VITTO, 1998 e LEMOS, 2002, 2006). No caso das paranomásias, palavras de sons semelhantes se aproximam quanto a seu significado.

Segue a análise de uma estrofe da poesia: *The Raven (O Corvo)* de Edgar Allan Poe trabalhada no texto de Jakobson (1963/2008)<sup>3</sup> em que se destaca a função paranomástica de determinadas aproximações sonoras entre palavras:

***And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting***

*On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;  
And his eyes have all the seeming of a demon's that is  
dreaming,  
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on  
the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating on the  
floor  
Shall be lifted – nevermore.*

E o corvo, sem revôo, pára e pouso, pára e pouso  
No pálido busto de Palas, justo sobre meus umbrais;  
E seus olhos têm o fogo de um demônio que repousa  
E o lampião no soalho faz, torvo, a sombra onde ele jaz;  
E minha alma dos refolhos dessa sombra onde ele jaz  
Ergue o vôo – nunca mais. (Tradução de Haroldo de Campos<sup>4</sup>)

Ao analisar as paranomásias dessa poesia, Jakobson (1963/2008) aponta para vários exemplos de fusão de palavras (com sons semelhantes) num todo orgânico, como *pallid* (*alvo*) e *Pallas* (*Atena*) fundidas em *placid* (*plácido*: fragmento de outra estrofe), *just* e *abov* (*por sobre*) sob *bust* (*busto*).

Trata-se, então de um saber que se revela na *contingência de uma aproximação entre sons semelhantes* e se articula por meio de um duplo sentido ou de um sentido *a mais*.

Assim, em *O Corvo*, o pássaro empoleirado está atado ao poleiro por uma paranomásia – *bird* (*pássaro*) ou *beast* (*animal*) sob *bust* (*busto*) – e ganha um sentido *a mais*: o sentido de pássaro pregado no lugar, o que não pode sair, o que está preso ao poleiro. Esse sentido *a mais*, esse outro sentido, entretanto, somente foi possível pela fusão em *bust* (*busto*) de duas palavras *just* e *abov* (*por sobre*):

O pássaro está empoleirado *no alvo busto de Atena que há por sobre (just above) os meus umbrais* e o corvo, sobre o seu poleiro, a despeito da ordem imperativa do amante (*take their form from off my door*) está pregado ao lugar pelas palavras  $\exists \Lambda st \quad \partial b \Lambda V$ , ambas fundidas em  $b \Lambda st$ . (Jakobson, 1963/2008, p. 152)

Convém realçar que esse sentido *a mais* para as palavras *bird* (*pássaro*) ou *beast* (*animal*) foi dado pela fusão em *bust* (*busto*) das duas palavras – *just* e *above* (*por sobre*) que, na sucessão temporal, ocorrem, nessa poesia, posteriormente. Assim, nesse *outro*

<sup>3</sup> Esta análise já se encontra em Carvalho, G.M.M. *Erro de pessoa*: levantamento de questões sobre o equívoco em Aquisição de Linguagem. 155 f. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

<sup>4</sup> A tradução dessa estrofe da poesia *O corvo* – realizada por Haroldo de Campos – foi extraída de uma nota dos tradutores de Jakobson (1963/2008, p.151).

*sentido, o tempo que se inverte* permite ao corvo empoleirado retornar em um outro lugar que é o lugar de seu sentido naquele texto, o sentido do que está preso, do que não pode sair.

Conforme se pode notar, esse verso deixa visíveis tanto o princípio constitutivo da poesia, ou seja, o princípio segundo o qual, numa sequência, a similaridade se superpõe à contiguidade, como a condição implicada por esse princípio, isto é, a do nexos interno entre som e sentido, na medida em que a relação sonora suscita uma relação de sentido, no verso.

### 3. Aquisição de linguagem e a função poética: a noção de *eco*

Trazendo essa discussão para o campo da aquisição de linguagem, propomos que, em momentos iniciais da trajetória linguística da criança, em seu diálogo com o outro (a mãe), sobressai-se a função poética nas produções verbais infantis. Assumimos, entretanto, que essa função, na criança, transgride, desestabiliza a concepção de função poética elaborada por Jakobson (1963/2008), ultrapassando, assim, os limites da linguística, o que se pretende indicar mais adiante.

Perguntamos, então: por que destacarmos a função poética, na atividade verbal da criança em seu percurso de aquisição de linguagem, na perspectiva aqui adotada?

A esse respeito, lembramos que Freud (1980) aproxima os jogos infantis à criação poética. Convocamos também autores, como Figueira (2005), Lier-De Vitto (1998) e Lemos (2002, 2006) que, focalizando a dimensão poética da criança, quando investigam os erros e as produções insólitas (no caso de Figueira) e os paralelismos (no caso de Lier-De Vitto e de Lemos), realçam a condição de equívoco na fala de crianças em seu momento de mudança. A esse respeito, diz Lemos (2006, p. 106):

O paralelismo na fala da criança aproxima-se em muitos aspectos do paralelismo na poesia. Nele podemos mostrar uma suspensão da comunicação, em que tanto o outro como o falante estão deslocados, assim como uma redução de referencialidade e até mesmo de sentido.

Com fundamento no que foi discutido antes, assumimos, neste artigo, a noção de *eco* como uma *diferença específica* do funcionamento estrutural da língua, no espelhamento, num momento muito inicial da trajetória linguística da criança.

Essa noção foi formulada por Porge (2012) que parte de uma discussão do mito de *Echo* e *Narciso*, da fala delirante do presidente Shereber e da noção freudiana de superego.

Ao conceber o estágio de *Eco* como um momento estrutural no percurso de constituição do sujeito, Porge (2012) afirma que, nesse momento, a voz se separa do eco sonoro. Assim, o *eco* consiste na representação sonora da voz, ou, como diz esse autor: “a sonorização é uma imaginarização, mais ou menos agradável da voz” (p. 80, tradução minha). Por sua vez, a voz deve ser cercada pelo silêncio, para que se constituam suas representações sonoras, como por exemplo, aquelas que são cantadas. “Entre a voz e seu eco desliza o silêncio. Se não houvesse o silêncio, não se escutaria o eco.” (p. 80, tradução minha). Mais adiante, coloca:

O estágio de *eco* estaria ligado a este momento de passagem do grito ao apelo e à palavra com a voz como objeto resto, um momento constitutivo da distinção exterior-interior correlativo de toda identificação e, portanto, correlativo também de um giro onde há um exterior do interior. (PORGE, 2012, p. 90, tradução minha)

Desse modo, a língua se faria, inicialmente, presente nas verbalizações infantis, por meio do reflexo, ou do *eco* da sonoridade da voz materna, na escuta da criança, tanto constituindo fragmentos sonoros, como aproximando ou associando, entre si, esses fragmentos. Com base na noção de espelhamento (Lemos, 2002), a presença de ecos na fala da criança, seria a presença, na escuta da criança, de fragmentos sonoros da fala do outro.

Para dar maior visibilidade a essa noção de *eco* dos sons (sonoridade) da voz materna, nas verbalizações infantis<sup>5</sup>, faremos referência a um caso, a título de ilustração.

Como exemplo, citamos, então, o caso de uma criança que, aos 15 meses, repete constantemente o segmento *ca* o qual aparece nas expressões: *ca papá*, *ca vovô*, *ca vovô*, *ca titi*, provavelmente, como restos sonoros de cenas anteriores, em que os pais mostram os carros, dizendo: *carro de papai*, *carro de vovô*, etc. Num determinado momento, na casa dos avós, o avô mostra à criança um quadro pendurado na parede, pronunciando pausadamente: *quadro*. A criança repete *ca* e, imediatamente depois, diz: *ca vovô*, *ca papá*, aproximando, homofonicamente, *quadro* e *carro*.

Num outro momento, pegando no colar da avó, que estava sobre uma mesa, a criança diz: *ca vovô*, produzindo imediatamente depois: *ca vovô*. A avó refuta, dizendo: *homem não usa colar; quem usa é mulher*. Simultaneamente à fala da avó, o menino verbaliza: *ca papai*, *ca titi*.

Com fundamento em Lemos (2002), podemos dizer que o segmento *quadro* convocou *carro*, na escuta da criança, em virtude de uma semelhança sonora, ou, considerando a noção de Eco, um segmento sonoro (*quadro*) ecoou outro segmento sonoro (*carro*), na vocalização da criança (*ca*), por meio de uma semelhança sonora. No segundo momento o grupo sonoro *colar* ecoou, na verbalização da criança, o segmento *ca* que se associou a *ca* de carro.

Em outra ocasião, essa criança, aos 18 meses, está no carro do avô, brincando com o cinto de segurança e repete insistentemente: *Cabô*, *cabiu*. *Cabô*, *cabiu*.....

Essa mesma criança, aos 18 meses, está sentada no berço, olhando em direção ao pai que abre a porta do guarda-roupa, no lado oposto ao berço. Nesse momento, o pai se vira dizendo: *são as coisas de bebê*. A criança, então, aponta para a porta (aberta) do guarda-roupa e diz: *bibi*. Podemos supor que *bebê* se relaciona a *bi* (provavelmente, de *abrir*), modificando, ou seja, duplicando esse segmento. Em outra ocasião essa criança produz *pepé*, apontando para o pé do avô, levando-nos a propor que essa modificação de *pé* (que a criança produzia antes na mesma situação e volta posteriormente a produzir) talvez tenha relação sonora com *papá* (*sapato* ou *papai*).

Destacamos, portanto, que a fala do outro (mãe) ecoa nas verbalizações da criança, como fragmentos sonoros os quais, por sua vez, associam entre si grupos sonoros diferentes. Em outras palavras, *carro*, *quadro* e *colar* são aproximados, na escuta da criança, em virtude de uma semelhança sonora (o fragmento sonoro *ca*)

Ao que tudo indica, esse eco não poderia ser explicado por meio do conhecimento ou da intenção da criança. O termo utilizado – *eco* – condensa a ideia de que a reverberação produzida escapa ao controle das intenções ou dos conhecimentos do sujeito. Esse eco, por sua vez ocorre no ambiente sociocultural da criança, carregando, por isso mesmo, marcas desse ambiente, ou melhor, das relações entre o outro e o *infans*, imprimindo, portanto, singularidade a sua trajetória linguística. Poderíamos falar, assim, num domínio da semelhança sonora, na fala inicial da criança, ou melhor, numa promoção da semelhança “à condição de recurso constitutivo”, evocando as palavras de Jakobson (1963/2008, p. 30). Nessa perspectiva, o som de um fragmento (sílabas) de um conjunto sonoro (palavra) teria igualado o som desse fragmento (sílabas) em outros conjuntos sonoros (palavras).

---

<sup>5</sup> Os vários exemplos transcritos foram recortados de anotações esporádicas realizadas pelos pais e pelos avós da criança, tendo sido, aqui, colocados, apenas a título de ilustração.

No caso de *bibi e pepé*, dos outros dois exemplos, teriam sido igualados, além do som, o acento, o ritmo e a fronteira das palavras, indicando, mais uma vez, o domínio da semelhança nas produções verbais infantis. No entanto, nessas aproximações sonoras, não se trataria de uma relação com o sentido, ou melhor, deveria ser colocada em questão a relação entre som e sentido que, segundo Jakobson (1963/2008), é condição constitutiva do verso. Lembremos que, nesse momento – em que domina o espelhamento – retornam, na fala da criança, fragmentos sonoros de enunciados do outro, o que, talvez, não nos permitisse ainda falar, propriamente, em significantes nas manifestações verbais iniciais da criança.

#### 4. Considerações finais

Supomos que, na fala infantil inicial, podemos indicar uma dominância da função poética, conforme concebida por Jakobson (1963/2008), na medida em que a equivalência, ou melhor, a semelhança sonora “é promovida à condição de recurso constitutivo da sequência” (p. 130), como já foi destacado. Assim, fragmentos sonoros de enunciados do outro (mãe) compõem a fala infantil. Esses fragmentos, contudo, movimentam-se, isto é, sofrem modificações, sendo essas modificações guiadas, sobretudo, pela semelhança de som (mas também, de ritmo ou de acento). Em outras palavras, ao migrarem da fala do outro para a fala da criança, os fragmentos sonoros se igualam, ou se aproximam, em virtude de alguma semelhança sonora com outros fragmentos, na escuta da criança. Por sua vez, esse movimento de aproximação, entre fragmentos sonoros, guiado por uma semelhança sonora, continuaria a ocorrer no interior da fala da criança, produzindo também modificações nesses fragmentos. Nesse momento, talvez nem se pudesse falar, com segurança, na presença de significantes na fala da criança, ou no caráter equívoco decorrente do uso de tais significantes pela criança. Assim, supõe-se que, tanto a dimensão significativa, quanto o caráter equívoco dessas produções iniciais seriam, antes, efeitos provocados sobre aqueles que as escutam, procurando, de algum modo, interpretá-las. No entanto, talvez pudéssemos supor a abertura de uma via para a entrada do significante, ou mesmo um movimento de passagem para o significante, nas produções infantis, o que poderia ser indicado nos jogos sonoros infantis a que nos referimos.

Nessa perspectiva, autores que assumem a posição psicanalítica (por exemplo, DIDIER-WEILL, 1999) propõem que, para se tornar falante, a criança precisa deixar escapar – *deixar perder/esquecer/recalcar* – a dimensão sonora da voz e conservar o sentido, o que, entretanto, somente ocorre se o objeto voz se mantém, no sujeito, como inscrição significativa. A fala, portanto, exige que o som seja esquecido/recalcado.

Segundo Pommier (2004, p. 124), “O diferencial esquece o som, recalca o som do objeto quando ele se torna uma letra que participa da formação de um significante.” Nesse sentido, Lemos (2013) propõe que os significantes surgem pela substituição metafórica.

Para finalizar e retomando o que foi colocado no início deste artigo, indicamos que a teoria linguística ocupa um lugar importante, ou mesmo necessário, na investigação da aquisição de linguagem; em outras palavras, ela é imprescindível ao investigador, para que ele possa escutar a fala infantil em seu caráter errático, insólito. Não se trataria, contudo, de aplicar os conceitos de determinada teoria às manifestações verbais da criança as quais seriam, assim, transformadas em empiria, no sentido de servir como teste para esses conceitos. Diferentemente, a presença da teoria, na investigação da aquisição de linguagem, consistiria em escutar a resistência que a fala da criança opõe a tal aplicação<sup>6</sup>.

Nesta discussão, propusemos, anteriormente, que o conceito jakobsoniano de função poética ocupa um importante lugar na investigação da aquisição de linguagem, considerando a

---

<sup>6</sup> Sobre a escuta de Cláudia Lemos para essa resistência, ver Lier-De Vitto; Carvalho, 2008.



supremacia da equivalência, da similaridade. No caso da criança, pudemos indicar uma dominância da similaridade sonora, provocando uma recorrência do mesmo segmento sonoro – ou de segmentos sonoros semelhantes – na fala infantil. Tal dominância tornou, especialmente, visível, uma dificuldade (impossibilidade?) de traçar um limite nítido entre similaridade e contiguidade. No que toca a função poética, diz Jakobson (1963/2008, p. 140): “Em poesia, onde a similaridade se superpõe à contiguidade, toda metonímia é ligeiramente metáfora e toda metáfora tem um matiz metonímico”.

Destaca ainda esse autor, como uma marca inalienável do retorno da mensagem sobre ela mesma, não somente a ambiguidade da referência, na poesia, mas também a ambiguidade do destinatário e de seu remetente, afirmando:

A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua. A mensagem de duplo sentido encontra correspondência num remetente cindido, num destinatário cindido e, além disso, numa referência cindida, conforme o expõem convincentemente os preâmbulos dos contos de fada dos diversos povos [...]. (p. 150)

Realçamos, com base no que já foi colocado, que tanto a referência, como a comunicação e mesmo o sentido são particularmente afetados, na poesia e na fala da criança (Lemos, 2006).

Nessa perspectiva, considerando a supremacia da similaridade, na função poética, assumimos, então, que uma suspensão do sentido seria marca de diferença nas produções infantis iniciais, em relação à poesia. Assim, uma posição privilegiada se coloca pela escuta do investigador para a resistência que as produções infantis opõem a uma suposta aplicação (ou tentativa de aplicação) da noção jakobsoniana de função poética. Dizendo de outro modo, tal escuta desestabiliza a função poética concebida por esse autor, colocando em questão a relação entre som e sentido. Propõe-se que a noção de *eco*, com seu caráter de reverberação, talvez seja a maneira mais próxima de nomear essa desarticulação entre som e sentido, ou melhor, essa suspensão do sentido. Em outros termos, a função poética, na fala infantil inicial, ao colocar em questão a relação som-sentido, estaria apontando para a noção de *eco* (PORGE, 2012) a qual se poderia supor como sendo a *diferença específica* dessa fala que, por sua vez, está submetida à estrutura geral da língua.

Notemos, contudo, que Jakobson (1963/2008) não trata a supremacia da equivalência, na função poética, como um atributo essencial no sentido aristotélico, cuja presença marcaria a diferença em relação às outras funções. Para o linguista, como foi visto, não seria a presença vs ausência de um fator que diferenciaria uma função linguística das outras. Seria, antes, a posição privilegiada que um determinado fator ocupa, em relação a outros, que marcaria a diferença dessa função. Realçamos, de acordo com a posição aqui assumida, que o *eco* não seria, propriamente, uma *diferença específica*, na fala inicial da criança, na medida em que ele estaria submetido a um movimento que não nos permitira usar essa expressão, nem mesmo no sentido jakobsoniano. Em outras palavras, o *eco* seria uma marca da língua – de seu funcionamento estrutural – que deve ser esquecida/recalcada pela criança, para que ela se torne falante, mas que reaparece/retorna de forma diferente, não apenas nos vários tipos de homofonia que as línguas comportam, como também, de maneira privilegiada, em alguns lugares, como é o caso da poesia.

Indagamos, por fim, se não deveríamos estar mais atentos – em nossa escuta para a fala da criança, na relação com a fala do outro – aos jogos sonoros concebidos como matriz de constituição do significante. Formulando com outros termos, perguntamos se essa dimensão de *eco* das produções infantis não deveria ser mais investigada, para que se pudesse dar mais

um passo no estudo do diálogo concebido como matriz das mudanças que ocorrem no *vir-a-ser-falante*.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Tópicos; Dos argumentos sofísticos / Aristóteles. Seleção de textos de José Américo Motta Peçanha, v. I. São Paulo: Nova Cultural, 384-322 A.C./1987. (Os Pensadores).
- DIDIER-WEIL, Alain. Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. A Criança na língua: erros de gênero como marcas de subjetivação. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 47, p. 29-47, 2005.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. Edição Standard das Obras Completas de Freud, v. VIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1963/2008.
- LACAN, Jacques. O Seminário 20: Mais ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1972-1973/1985.
- LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Sobre o “Interacionismo”. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 11-16, 1999.
- \_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação, Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, 42, p. 41-69, 2002.
- \_\_\_\_\_. Sobre o paralelismo, sua extensão e disparidade de seus efeitos. In: LIER- DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (orgs). Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP. 2006, p. 97-107.
- \_\_\_\_\_. A criança e o linguista: modos de habitar a língua? Conferência proferida no 61º seminário do GEL, julho de 2013, FFLCH, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, SP.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Os monólogos da criança - delírios da língua. São Paulo: EDUC; FAPESP, 1998.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria Monteiro. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Müller (orgs). Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 115-146.
- MILNER, Jean Claude. O amor da língua. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. Língua e instrumentos lingüísticos, Campinas, n. 4/5, p. 7-32, 1998.
- POMMIER, Gérard. Da passagem literal do objeto ao moedor do significante. In: MELMAN, C. et al. (orgs). O significante, a letra e o objeto. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004, p. 119-126.
- PORGE, Erik. Voix de l'écho. Toulouse: Éditions Érès, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística Geral, São Paulo, Editora Cultrix, 1989.